



Debate

Fora de portas: e quem não pode vir ter connosco?

21 Fevereiro
Évora, Faro, Lisboa, Porto
Terça às 18h30
Entrada livre

ÉVORA - IGREJA DO SALVADOR (ESPAÇO LOJA)

Convidados:

Ana Isabel Casadinho, Porta Mágica; **Casa Conveniente / Zona não vigiada**; **Hugo Serpa**, psicólogo; **Lucília Valente**, Universidade de Évora; **Rui Horta**, Espaço do Tempo

Moderadora:

Helena Rocha, Direcção Regional de Cultura do Alentejo

FARO - BIBLIOTECA MUNICIPAL ANTÓNIO RAMOS ROSA

Convidados:

Luís Vicente, ACTA - Companhia de Teatro do Algarve; **Fátima Bento**, Biblioteca Municipal de Faro; **Patrícia Ramos**, Museu de Portimão; **Rita Moreira**, Divisão de Cultura da Câmara Municipal de Loulé

Moderadora:

Raquel Ponte, jornalista

LISBOA - MUSEU DO DINHEIRO

Convidados:

Diogo Varela, Projecto Ópera na Prisão; **Hugo Seabra**, Fundação Calouste Gulbenkian; **Maria José Vitorino e Miguel Horta**, Associação Laredo

Moderadora:

Cristina Peres, jornalista

PORTO - MUSEU NACIONAL SOARES DOS REIS

Convidados:

Fernanda Araújo, Direcção Regional de Cultura do Norte; **Samuel Guimarães**, Serviço Educativo do Museu do Douro; **Sofia Carneiro**, Biblioteca Municipal de Vila Nova de Gaia

Moderadora:

Cláudia Monteiro, jornalista

[Tradução em Língua Gestual Portuguesa:](#)

[Cláudia Braga](#) (uma parceria com a Associação Laredo)

Resumo

Algumas pessoas não se deslocam até às instituições culturais ou a outros locais onde existe oferta cultural. Os factores que impossibilitam essa deslocação podem ser de ordem social, económica, física ou geográfica, entre outros. Para contornar essas barreiras, algumas instituições levam a cabo acções fora de portas, junto desses públicos. Por outro lado, algumas instituições culturais e projectos artísticos têm como premissa de trabalho desenvolver acções



junto das comunidades. Este debate procurou conhecer algumas questões relacionadas com estes projectos, que possibilitam outras formas de participação cultural.

Motivações na génese destes projectos

A propósito das motivações – institucionais, artísticas e pessoais - para levar a cabo projectos fora de portas, os convidados referiram vários pontos de vista:

- A sua importância para alcançar, criar e formar novos públicos, que se encontram afastados dos locais onde há oferta cultural (por exemplo, devido à inexistência de transportes ou vias de acesso) ou que não têm hábitos de consumo cultural.
- O tornar as práticas culturais uma forma de vivência quotidiana dos indivíduos, dada a sua importância para a construção de uma sociedade melhor: a arte entendida como uma ferramenta de promoção da cidadania – por exemplo, através do questionamento dos preconceitos – e do bem-estar individual de cada um.
- A importância de promover momentos capazes de motivar a participação e o envolvimento ativo da comunidade, construindo a relação das instituições culturais com as pessoas através de experiências marcantes.
- A importância que o desenvolvimento de projectos junto da comunidade pode ter para o processo de criação de alguns artistas.

O que é preciso para desenvolver projectos fora de portas?

Além das condições financeiras, das quais dependem o início, o crescimento e a continuidade dos projectos, foram referidas as seguintes:

Trabalho em parceria

Os projectos desta natureza devem ser pensados em função dos contextos em que se desenvolvem e dos seus públicos-alvo. Nesse sentido, é importante que o trabalho seja desenvolvido numa lógica de parceria. Por exemplo: envolvendo pessoas que fazem parte da comunidade a que o projecto se destina e que sejam identificadas como figuras-chave de mediação, pela sua capacidade de liderança ou de agregação. Por outro lado, envolvendo activamente os profissionais da instituição de acolhimento da qual o público-alvo é utente.

No caso em que os projectos se desenvolvem em contextos institucionais, é importante garantir que as instituições de acolhimento não se demitem de acompanhar o projecto. Essas situações, bastante frequentes, levam a que os resultados dos projectos possam ficar aquém do desejado.

A questão do trabalho em parceria também se prende com a necessidade de construção de redes de confiança, que são de fundamental importância para a capacidade destes projectos envolverem os públicos a que se destinam e atingirem os seus objectivos.

A parceria também se reflecte na multidisciplinaridade das equipas, o que permite que os profissionais da cultura se sintam mais acompanhados no seu trabalho fora de portas.



Por outro lado, também foi referida a importância do desenho de estratégias concertadas com os sectores da educação e da inclusão social, o que permitiria uma maior eficiência de recursos e obtenção de resultados.

Desenvolvimento de competências

O trabalho fora de portas exige que os profissionais que o fazem desenvolvam competências acrescidas. Ainda que seja um dos pressupostos de base do trabalho fora de portas, a exposição a contextos externos – comunitários, institucionais ou ambos – pode ser um factor de fragilidade dos projectos – sobretudo, se os profissionais não tiverem a formação e experiência adequadas. Por outro lado, a falta de competências também pode ser um factor de inibição para a criação de projectos fora de portas, uma vez que os profissionais não se sentirão motivados a desenvolver actividades em contextos para os quais não se sentem preparados e seguros.

No que diz respeito aos projectos de criação artística, foi referido que nem todos possuem uma “vocação” de base que permita desenvolverem-se em contextos que implicam uma relação de proximidade com a comunidade.

Continuidade

Os projectos de criação e de mediação junto das comunidades implicam uma aproximação ao ‘outro’ que requer o tempo necessário para a construção de relações de proximidade e de confiança. Tendo por base esta necessidade temporal, o programa PARTIS (Fundação da Calouste Gulbekian) não financia projectos que durem menos de 18 meses.

O que se espera destes projectos?

Os resultados esperados destes projectos “confundem-se” um pouco com as motivações que estão na origem do seu desenvolvimento. Contudo, apontaríamos como denominador comum a “mudança” (de mentalidades, de hábitos, de rumos, de condição social, entre outras). Há, portanto, um desejo de transformação: não só da relação dos projectos artísticos e das instituições culturais com os seus públicos, mas também de transformação social.

A avaliação e a monitorização dos projectos são vistas como sendo de fundamental importância. A monitorização permite “sentir o pulso ao projecto”, permitindo ajustar a estratégia às evidências que decorrem da sua implementação. A avaliação permite aferir se os fins propostos foram atingidos, retirando-se daí conclusões que permitem orientar e otimizar a implementação de projectos futuros.